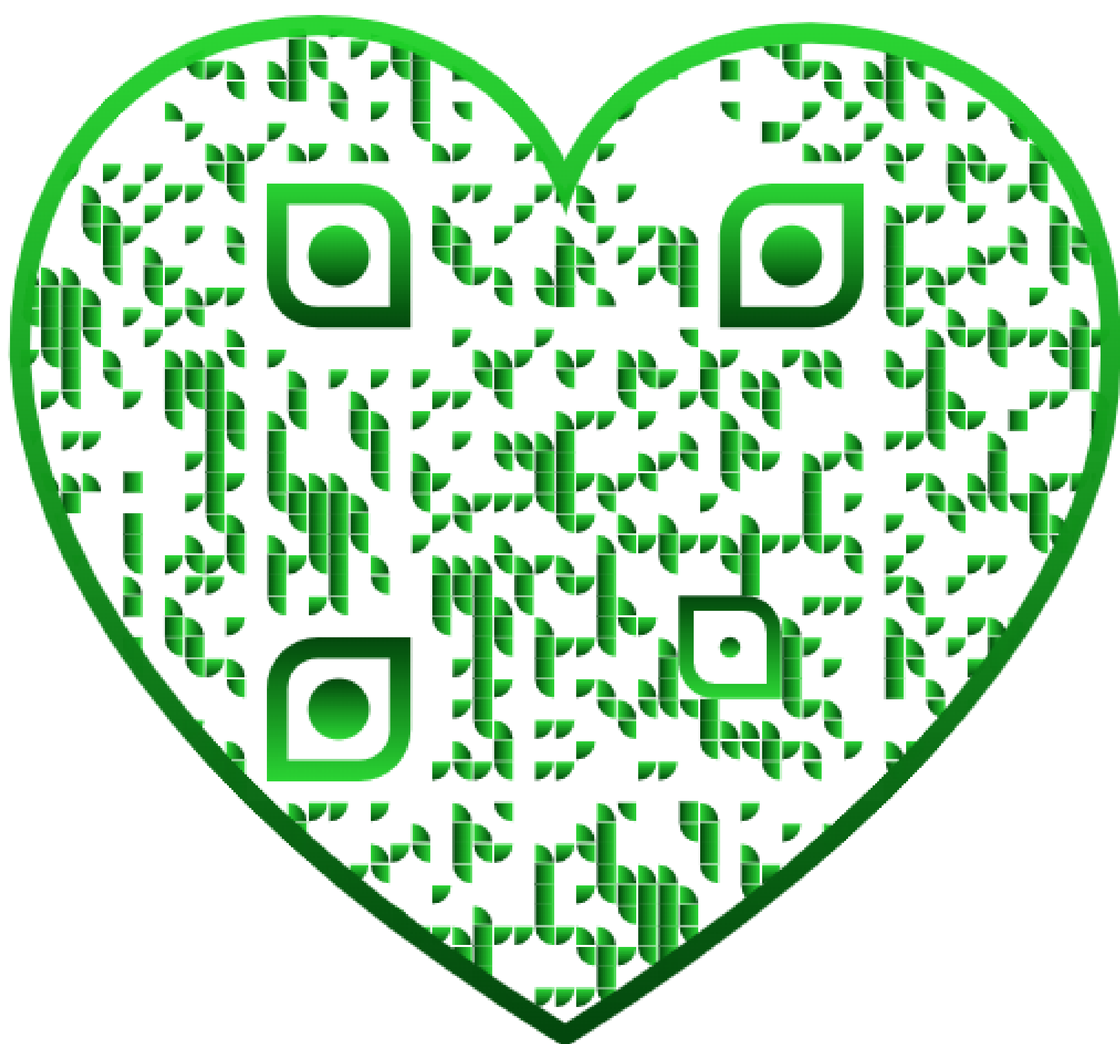
PATRICK CORREA

ONDE HABITAM AS SOMBRAS



PATRICK CORREA

ONDE HABITAM AS SOMBRAS

ONDE HABITAM AS SOMBRAS

Copyright© 2018 – PATRICK CORREA

www.patrickcorrea.com.br
Instagram: @autorpatrickcorrea

Email: autorpatrickcorrea@gmail.com

Revisão final

Jonas Zair
Aline Goettems

1.Conto - 2.Horror - 3.Terror Psicológico

“Nas histórias de Patrick Correa nada é o que parece, “Onde Habitam as Sombras” é a prova da sua habilidade de nos envolver em um enredo repleto de plot twist, característica marcante na sua forma de construir as tramas, nos fazendo chegar ao último ponto final com a sensação assoladora de não querer sair de suas cidades fantasmas e deixar suas personagens enlouquecidas para trás. Ler as criações do Patrick é mergulhar no imprevisível.”

Larissa Prado, autora de “A Sombra Vinda das Trevas”

— ★★★★★ —

“A narrativa do Patrick Correa é intensa, misteriosa e original; sua escrita é elegante e magnética. Com um cuidado minucioso, através das palavras ele rega um campo relvado, para depois lançar um tsunami de revelações que deixará no leitor o mesmo choque sentido por alguns dos personagens. “Onde Habitam as Sombras” é um chamado para vivenciar aquela que se tornará a nova marca do terror nacional.”

Robson Gundim, autor de “Enquanto Eles não Vêm”



“Até onde podemos ir por causa da negação?

Patrick nos mostra em seu novo conto, que é melhor aceitar os fatos, mesmo que sejam difíceis de compreender, pois as trevas rodeiam aquele que é fraco de mente para usá-lo como ferramenta de propagação do mal.”

Jonas Zair, autor de “Relatos de Sangue”



Era outono de 1989 na fria cidade de Black Spring. Natalie havia desaparecido sem deixar rastros. Em seguida, uma segunda menina desapareceu. Valerie desvaneceu como as sombras da noite sucumbem na primeira luz do dia. Rumores aterradores pairavam como nuvens negras sobre o lugar e antigos medos voltavam a perturbar a população.

Onde habita o mal que está causando os macabros eventos em Black Spring? Onde habitam as sombras?

A densa floresta que cerca a cidade guarda segredos de um obscuro passado. O murmúrio do vento por entre as árvores parecia solfejar notas distorcidas em gemidos profundos de angústia, trazendo das profundezas obscuras gritos mudos de socorro que não podiam ser ouvidos neste mundo.



Caminho Sombrio

Frios sentimentos eram soprados pela brisa melancólica que circundava as ruas de calçamento da pacata cidadezinha interiorana de Black Spring, que se situava em meio a florestas e montanhas geladas ao sul do condado de Devon. Afastada das luzes artificiais do centro da cidade, próximo das margens da floresta, com a silhueta de sua arquitetura banhada em prata lunar, uma casa simples e muito rústica fumegava sua chaminé em nuvens de fumaça esbranquiçada que subia ao soturno céu respingado de estrelas cintilantes. No interior da casa, aquecida pela lareira acesa na sala, as labaredas dançantes do fogo lampejavam, aclarando a cabeça empalhada de um cervo que jazia na parede e fazendo reluzir o sangue espalhado pelo rosto de Bessie, sentada no sofá, em seu profundo horror pela brutalidade que acabara de lhe acontecer. O velho Joseph está aquecendo um pouco d'água à beira do fogão a lenha, enquanto macera alecrim e camomila para fazer um chá quente.

— Nunca se viu isso nesta cidade — disse Joseph — eu bem avisei para você não sair em busca da sua irmã, poderia estar morta agora!

O silêncio no lugar dava espaço ao crepitar do fogo na lareira, que dividia espaço com a voz arrastada de Joseph. Sem dizer uma palavra sequer, Bessie permanecia imóvel no sofá, seus olhos expressavam o terror que corroía seus ossos, parados na direção do fogo. O vermelho do seu sangue estava também espalhado pelo pescoço e o peito, como uma pintura cruel em tons de bordô.

— Eu vou limpar este sangue, logo você estará bem — disse o velho Joseph, agora enchendo a xícara com água quente.

Aquela noite estava carregada com uma atmosfera lúgubre. O murmúrio do vento por entre as árvores parecia solfejar notas distorcidas em gemidos profundos de angústia, trazendo das profundezas obscuras gritos mudos de socorro que não podiam ser ouvidos neste mundo.

Cinco dias antes

O silêncio noturno que abraçava a pacata cidadezinha estava sendo rompido em um determinado local, mais especificamente no endereço da viúva Cassandra, em mais uma discussão acalorada com o filho Anthony.

— Eu sei que tudo isso tem sido difícil para você, não pense que eu não

sinta a falta do seu pai também! — dizia Cassandra em tom de voz alterado.

— Mas você não sabe como eu me sinto com tudo acontecendo de uma só vez! — gritou Anthony.

— Você não pode ficar culpando a Jodie por ter decidido acabar com o relacionamento de vocês, a menina está sentindo o peso de conviver com você, filho!

— E me abandona no meu pior momento?

— Ela está cuidando dela, você está se tornando uma pessoa muito tóxica!

Anthony olhou para a mãe com o semblante carregado de raiva, deu as costas a ela e saiu de casa batendo com violência a porta atrás de si. Cassandra sentou na cadeira, com as mãos no rosto sentiu suas lágrimas amargas rolarem dos olhos. Em seu pranto, tristezas e mágoas de todas as intensidades se acumulavam em soluços profundos, na solidão daquela casa fria onde as paredes eram testemunhas de toda a melancolia que imperava sobre os bons sentimentos da viúva.

Fazia nove meses que o marido havia morrido, depois de vinte e seis anos casados, Brandon Reed, ex-chefe de polícia da cidade, dava seus últimos suspiros em vida. Cassandra caiu fundo no poço da depressão, não suportava viver aquele vazio que Brandon deixara. Depois de seis meses lutando contra um câncer, o homem que ela havia amado pela vida toda, tornava-se apenas uma lembrança exposta em um porta-retratos ao lado da cama. A morte de Brandon ainda é um ponto de interrogação, não houve tempo para que o câncer o matasse, pois antes disso, em uma caminhada pela floresta, Brandon teve a perna presa por uma armadilha de urso. Poderiam dizer que o homem perdeu muito sangue, mas as autoridades encontraram um furo no pescoço feito por um instrumento metálico que rasgou a veia aorta e fez a vida de Brandon esvair-se junto com todo o sangue, porém, não havia sangue suficiente onde ele foi encontrado na floresta, avistado por caçadores que caminhavam nas trilhas. Alguém ou alguma coisa fez aquela cavidade manualmente em sua carne e esse mistério paira sobre Black Spring, no silêncio da boca calada de cada cidadão que não ousa falar do caso para não aumentar os mórbidos rumores. Nem mesmo os policiais, seus ex-colegas de profissão, ousavam tentar uma investigação mais a fundo. A morte de Brandon não apenas trouxe sentimentos densos a Cassandra, mas também transformou o interior de Anthony. O jovem que havia completado dezenove anos estava muito revoltado, mesmo durante o período em que o pai estava

doente, já revelava seu temperamento explosivo. Essa revolta só se intensificou depois que Brandon morreu, e o ápice de todo esse ódio havia chegado há poucos dias, quando Jodie, sua namorada, resolveu terminar o relacionamento entre os dois.

Obviamente a menina de dezessete anos havia cansado do comportamento explosivo de Anthony, filha de pais muito conservadores que residiam mais ao centro da pequena cidade, Jodie tentava passar para eles uma imagem menos desagradável de Anthony, já que a reputação do rapaz não era das melhores. Em todos os cantos daquela fria cidade se falava do encrenqueiro, filho da viúva, o rapaz que já havia sido detido duas vezes pela polícia local, por perturbar a ordem e cometer incêndios dentro da floresta.

Assim que amanheceu em Black Spring, a viúva Cassandra Reed resolveu fazer sua caminhada matinal, indo até as bordas da floresta para respirar um pouco do ar das montanhas. Antes de sair verificou se Anthony havia retornado para casa durante a madrugada, o rapaz estava estirado em sua cama, ainda com a mesma roupa e calçando os tênis sujos de lama. Cassandra percebeu que ele havia chegado em casa bêbado mais uma vez, além de sentir o cheiro nauseabundo de cigarro pairando no quarto.

Era outono em Black Spring, o dia estava cinzento, a brisa fria empurrava folhas secas e opacas de tons pardos que rolavam pelo chão. Caminhando pelo pavimento de pedras, Cassandra carregava sobre a cabeça uma nuvem de pensamentos obscuros, os vizinhos espiavam pela janela a figura negra que trilhava logo cedo aquele caminho em direção à floresta.

A viúva estava sempre vestida de preto, talvez para representar seu luto, ou talvez para garantir que aquela dor permanecesse corroendo cada parte do que ela era. Sua pele pálida era o contraste definitivo com os cabelos negros e seus trajes, além de colorir os lábios com batons de cores escuras, Cassandra ressaltava com a maquiagem o azul claro dos olhos, que somava atributos à sua beleza.

As casas já haviam ficado para trás, o fim da rua pavimentada terminava diante da floresta, que agora parecia crescer à sua frente, entre pinheiros verdes e galhos secos retorcidos que assomavam contra uma montanha azulada com o topo coberto de neblina. Aos pés daquele conjunto majestoso criado pela natureza, uma casinha rústica fumegava sua chaminé. O velho Joseph estava no pátio cercado, cortando lenha para a lareira e o fogão, quando seus olhos cansados avistaram a doce Cassandra vindo como

uma visão, misturando elementos assombrosos de uma espécie de ser vindo das trevas, com certa ternura no rosto lívido que assemelhava-se a uma peça de porcelana.

— Bom dia, Joseph — disse Cassandra, ao se aproximar da cerca de madeira que contornava a propriedade.

— Bom dia, Cassie — disse o velho, chamando a viúva por seu apelido, a fim de tentar ter um contato mais íntimo com ela.

Joseph tirou da cabeça a boina surrada e segurou na mão, seus cabelos brancos tinham falhas onde terríveis cicatrizes riscavam o couro cabeludo. O lado esquerdo de sua face também sustentava uma deformidade, a maçã do rosto em baixo relevo deixava o olho caído, como se um grampo imaginário preso ao queixo puxasse a pele para baixo. Alguns outros riscos de cortes cicatrizados cruzavam a lateral do rosto, seguiam pela têmpora esquerda e deformavam parte da orelha que ficava como uma cartilagem mal desenhada anexada à cabeça. Carregando como um fardo pesado essa aparência nada agradável, Joseph se debruçou sobre a cerca, para como em tantas outras vezes, conversar um pouco com a mulher que fazia seu coração bater em um ritmo diferente.

— Fazendo sua caminhada matinal? — perguntou Joseph.

— Sim, como sempre!

— Eu te acompanharia nessas caminhadas se meu joelho colaborasse e, claro, se minhas costas não doessem tanto.

— Talvez sinta dores nas costas por se curvar para cortar lenha todos os dias — disse Cassandra, abrindo um sorriso radiante — já disse que posso pedir para que o Anthony venha ajudar, pelo menos para empilhar uma boa quantia de lenha, assim você poupa o trabalho e suas costas.

— Eu agradeço, Cassie, mas sei que o seu garoto não tem paciência para essas coisas.

— Eu sei que meu filho tem andado meio arredio, todos nesta cidade miserável tem comentado a respeito.

— Deve ser a idade, Anthony há pouco se tornou homem. Sei que a morte de Brandon também afetou bastante o garoto.

Cassandra deixou seu olhar se perder por alguns segundos na imponente floresta à sua frente, de alguma forma aquele lugar fazia-lhe revirar lembranças do marido morto, por esta razão, a viúva não adentrava a floresta para fazer sua caminhada, apenas contornava as extremidades e evitava pensamentos nocivos a si mesma.

— Ainda não tiveram notícias sobre o paradeiro de Natalie? — perguntou Cassandra, a fim de partir para outro assunto que também estava causando agitação em Black Spring.

— Eu ainda não soube de nenhuma novidade. Acredito que a menina possa ter fugido para algum lugar, não sei.

— Espero que ela apareça logo, os pais estão desesperados.

— É uma situação bem incômoda, não acha?

— Claro que sim. Olha, Joseph, a conversa está boa, mas preciso continuar minha caminhada.

— Tudo bem, Cassie. Apareça qualquer hora para tomar um chá, o canteiro tem hortelã, alecrim, camomila e algumas outras especiarias.

— Claro — disse Cassandra, com seu sorriso simpático, contraditório à sua imagem melancólica — tente não piorar esse joelho e cuida dessa dor nas costas.

— Obrigado pela preocupação.

Cassandra seguiu seu caminho, enquanto Joseph permaneceu olhando a viúva se distanciar em sua caminhada matinal.

— Essa história de chá já é antiga, ela nunca vem tomar o bendito chá! — disse Joseph a si mesmo — tudo bem, estou com visita, ela virá no tempo certo.

O velho catou alguns tocos de madeira e voltou para dentro de casa. O fogo consumia a lenha na lareira de maneira voraz. Junto à pequena mesa próxima da cozinha estava sentada Valerie, com seus longos cabelos castanhos, a menina olhava para a xícara de chá que fumegava sobre a mesa.

— Parei para conversar um pouco com a Cassandra, mas agora já vou tratar de aquecer bem esta casa — disse Joseph, colocando na lareira a lenha que havia cortado — sabe, Valerie, ainda não há nenhuma informação sobre o sumiço de Natalie. Aconselho que quando sair daqui vá direto para casa, mas não atalhe pela floresta!

Apesar de sua aparência disforme, Joseph era muito querido naquele lugar. Sua triste história começou além de Black Spring, em uma tarde de verão, quando um terrível acidente aconteceu em uma autoestrada, tirando a vida de sua falecida esposa Madeleine e deixando-o com todas aquelas marcas para o resto da vida. As cicatrizes do velho eram evidências que não o deixavam esquecer do fatídico dia em que quase teve a vida ceifada, mas ganhou uma segunda chance de viver. Nos primeiros dias em que Joseph se recuperava no hospital, pensava por muitas vezes que não queria ter aquela

segunda chance, que deveria ter morrido junto com Madeleine naquele dia. Mas os homens pouco sabem sobre os planos de Deus para eles, se existisse mesmo um Deus ou um plano, Joseph agora não tinha certeza, mas uma torrente de raiva crescia impiedosa dentro dele, pois queria ter o direito de ter morrido naquele dia.

Em todo o tempo que ficou no hospital se recuperando, Joseph sonhava e tinha visões de Madeleine esmagada entre as ferragens do carro que eles estavam, sentia intensas dores que o faziam lembrar do seu rosto desfigurado e o joelho destruído da perna que quase havia perdido. Tudo isso passou a assombrar seus dias como fantasmas vestindo suas memórias de angústia. Até que os anos se passaram, as dores foram amenizando, mas nunca cessaram definitivamente. Joseph nunca esqueceu Madeleine, tampouco a imagem de horror de sua amada esfacelada entre os ferros retorcidos e os vidros quebrados. O homem foi passando os dias de amargura buscando Madeleine em outras pessoas, a culpa que sentia era uma tortura, se ao menos Joseph tivesse prestado atenção na estrada.

Com o passar dos anos Joseph resolveu deixar aquela vida angustiante para trás, buscando asilo em Black Spring, herdou a casa de um velho lenhador que foi seu amigo na adolescência. Este homem, em seu leito de morte, deixou a propriedade para Joseph morar, levado por sua filha para outra cidade, lá encontrou finalmente seu descanso nos braços da morte. No início os moradores daquela região da cidade não apreciavam a presença do velho, sua aparência beirava o grotesco para aquelas pessoas que mantinham distância da casa onde ele passou a morar. Joseph se mantinha recluso no interior da casa e nos limites do cercado, mas Brandon, o marido de Cassandra, foi o primeiro a conversar e conhecer a história daquele velho homem deformado. Aos poucos os vizinhos mais próximos tomaram conhecimento da triste história dele e deixaram qualquer preconceito de lado, passando a visitar o velho. Com seu amplo conhecimento sobre ervas diversas, Joseph conseguiu ajudar muitas pessoas, preparando remédios caseiros e chás específicos indicados para cada situação. A aparência de cor avermelhada dos seus chás ganhou o nome de “Fogo de Folhas” e logo todos tinham conhecimento dos talentos de Joseph. Alguns levavam mantimentos, outros ofereciam dinheiro ao velho, tendo em vista que seus recursos eram escassos e sua renda era baixa. Logo Joseph se tornou um homem querido naquela parte de Black Spring, mas isso não mudou nada em relação a sua reclusão, o velho continuava entocado em sua casa e os mais jovens

continuavam o evitando devido a sua aparência.

Dores da Alma

O fim de tarde chegava aos poucos, o sol já havia desaparecido atrás dos montes e apenas um borrão alaranjado pintava o horizonte e destacava o contorno sombrio dos picos montanhosos. Cassandra levantou de sobressalto do seu sofá, aturdida por batidas nervosas em sua porta. A viúva caminhou para atender, um pouco preocupada, talvez imaginando que Anthony poderia ter feito alguma bobagem. Assim que Cassandra abriu a porta, viu Harvey, o pai de Jodie, com o rosto corado, vestido em sua pior expressão de ódio.

— Aonde está o delinquente do seu filho? — perguntou Harvey aos gritos.

— Acalme-se! Ele ainda não chegou, o que aconteceu?

— Aquele miserável encontrou a Jodie na saída da escola e convidou ela pra conversar, levou minha filha para a floresta e tentou agarrar ela a força!

Cassandra, em sua expressão pasmada, não conseguia libertar as palavras que se garravam em sua garganta. Sabia que Anthony vinha sendo uma pessoa problemática, mas jamais esperava que o filho pudesse fazer aquilo.

— Olha, Cassandra, sei que não foi fácil a morte do seu marido, mas isso não dá o direito do seu filho fazer o que está fazendo — Harvey estava extremamente irritado enquanto falava com Cassandra — eu já avisei a polícia, mas se aquele marginal chegar perto da Jodie outra vez, eu vou acabar com ele com as minhas próprias mãos!

— Eu sinto muito, Harvey — Cassandra falava com a voz falhando — não sei o que está acontecendo com o Anthony.

— Seu filho é um estorvo para esta cidade e um perigo para os pais de famílias bem construídas como a minha! Minha filha não vai ser mais uma vítima desse maníaco que anda a solta por aí!

— Mas do que você está falando?

— Você ainda não soube? Valerie, a filha dos Johnson, saiu ontem de casa e ainda não apareceu.

— Você não está insinuando que o meu filho tenha algo com isso, está? — Cassandra começou a tingir suas claras maçãs do rosto de vermelho.

— Eu só quero que o seu filho fique o mais longe possível da Jodie, ou ele vai se ver comigo!

Terminando de dizer isso, em um forte tom de ameaça, Harvey deu as

costas à Cassandra e saiu pelo portão da frente. A viúva fechou a porta e voltou para o sofá, onde ficou perdida em pensamentos de preocupação sobre o filho e também sobre o aparente sumiço de Natalie e Valerie, duas jovens meninas que moram com suas famílias naquela região da cidade. Nem bem Cassandra naufragou naqueles devaneios e a porta da frente se abriu, era Anthony, acompanhado pelo chefe de polícia Lewis e outro parceiro.

— Senhora Reed, acompanhamos seu filho até em casa, precisamos conversar. — disse Lewis.

— Eu já sei do que se trata — disse Cassandra, lançando um olhar de ira na direção do filho — vá para o seu quarto!

Anthony obedeceu a ordem da mãe e seguiu para o quarto, um dos policiais ficou do lado de fora, enquanto o chefe Lewis permaneceu de pé um pouco à frente da soleira da porta.

— Venha sentar, eu passo um café fresco para que possamos conversar.

— Eu agradeço a gentileza, senhora Reed, mas não posso me demorar — respondeu o chefe Lewis — só quero pedir que dê um jeito no Anthony, ou terei que prendê-lo.

— Eu sinto muito, Lewis, não sei o que dizer!

— Ele só não está encrencado em consideração ao Brandon, você sabe o quanto éramos amigos.

— Sim, eu sei — disse Cassandra, juntando as duas mãos na frente do peito — prometo que isso não vai mais acontecer!

— Eu espero que sim, pois não poderei livrar o seu filho novamente. Terei que dar uma boa explicação ao Harvey, ele quer ver o Anthony atrás das grades e você sabe, a lei é para todos.

— Muito obrigada, chefe Lewis, nem sei como agradecer!

— Agradeça mantendo o seu filho longe de encrenca! — Lewis foi seco.

— E sobre Natalie e Valerie? Alguma informação?

— Nada ainda. Logo mais a noite faremos buscas na floresta, alguns pais irão ajudar.

— Se precisarem de ajuda, eu me ofereço como voluntária.

— Apenas evite que seu filho faça alguma besteira, senhora Reed. Logo a cidade toda estará sabendo do que ele fez com a filha do Harvey, se esse garoto não ficar calmo dentro de casa, logo os pais de Black Spring tomarão as dores pelos Spencer e associarão o caso de Natalie e Valerie ao episódio infeliz promovido pelo seu filho.

— Fique tranquilo, Lewis, meu filho não causará mais problemas.

Assim o chefe Lewis e seu parceiro se retiraram da propriedade dos Reed, Cassandra tentou da melhor forma ter uma conversa com Anthony, mas o rapaz se fechava, desviava a conversa e deixava a pobre mãe com o coração em pedaços.

Logo a noite cobriu a cidade de Black Spring com seu manto negro, o ar estava pesado, as pessoas em suas casas estavam apreensivas pelas notícias sombrias que se espalhavam. Famílias viam, através de suas janelas, a marcha de alguns vizinhos acompanhando o pequeno contingente de policiais que havia na cidade, todos com suas lanternas, na esperança de que as luzes artificiais iluminassem o caminho para tentar encontrar Natalie e Valerie.

*

O sol despontou tímido naquela nova manhã que se iniciava, havia uma fina neblina pairando, o ar estava frio e as pessoas acordaram querendo saber como havia sido a busca pelas duas garotas na noite passada. A viúva Cassandra se preparava para sua caminhada matinal, mas antes decidiu deixar o café pronto, foi até o quarto de Anthony e o chamou, queria lhe advertir dos fatos que acabara de saber através dos vizinhos.

— Eu deixei o café pronto, está na mesa. Por favor, não saia de casa. Fiquei sabendo que as meninas não foram encontradas, disseram que o chefe Lewis fará outra busca hoje durante o dia.

— Tudo bem — respondeu Anthony — eu não vou sair de casa, não se preocupe.

— Eu vou fazer minha caminhada, logo estarei de volta. Você quer que eu traga algo?

— Não, tudo bem, não precisa trazer nada.

Cassandra saiu para caminhar, mas trancou a porta de casa e levou a chave consigo. Sabia que aquilo não seguraria Anthony em casa se ele quisesse sair, mas se sentia mais tranquila sabendo que havia deixado o filho trancado. A viúva caminhou na direção do fim da rua, onde o início da floresta se erguia. Pela janela da simples casa campestre, o velho Joseph admirava o caminhar de Cassandra, que vinha como uma tempestade negra num dia pálido, seus cabelos esvoaçando com o sopro anêmico do ar, preenchido com a tênue cerração. A imagem clara de Madeleine brotava nos olhos do velho Joseph, sua doce amada tinha os traços muito semelhantes aos da bela viúva que parecia flutuar pela rua. Cassandra deu uma olhada para ver

se não encontrava Joseph cortando lenha pelo pátio, o velho, por sua vez, ao ver que a viúva o procurava, escondeu a cabeça atrás da parede e ficou espiando com o canto do olho direito.

— Desculpe, Cassie, hoje não poderemos nos ver — disse Joseph a si mesmo — tenho coisas mais importantes a fazer agora.

Cassandra seguiu seu caminho pela borda da floresta e logo começou a caminhar de volta para a parte mais habitada do lugar. Ao passar pela última rua antes do vasto espaço até os pés da montanha, Cassie encontrou com uma conhecida que estava parada na frente de casa e logo teve que parar para uma conversa.

— Às vezes te vejo passar, mas estou ocupada e não te chamo para bater um papo — disse Zoe.

— Eu caminho quase todas as manhãs, às vezes mudo um pouco a rota para não enjoar.

Zoe abriu um sorriso amarelo que logo se desfez.

— Hoje eu precisava falar com você, estava preocupada.

— Qual o motivo da sua preocupação? — perguntou Cassandra, apreensiva.

— Ouvi dizer que o seu filho, Anthony, tentou estuprar a Jodie na parte da floresta próximo à escola.

— Não foi bem assim que aconteceu! — disse Cassandra, um pouco irritada com o comentário de Zoe.

— A própria Jodie contou que ele tentou pegar ela a força.

— Aconteceu um incidente sim, mas não foi desta maneira!

Cassandra deixou a mulher falando sozinha e seguiu para casa a passos rápidos. Sabia que aquela infeliz gostava de espalhar boatos e formar burburinhos que rapidamente se propagavam por todo o lugar.

Chegando em casa, Cassandra foi direto ao quarto do filho, que estava deitado na cama com os fones de ouvido do walkman na cabeça.

— Preciso falar com você!

Anthony tirou os fones de ouvido e parou para ouvir o que a mãe tinha a dizer.

— Estão falando por aí que você tentou estuprar a Jodie. — os olhos de Cassandra estavam marejados.

— Não! — gritou Anthony — eu chamei ela para conversar, eu queria saber o motivo para ela me abandonar assim!

— Meu filho, as pessoas estão comentando, logo transformarão você

em um monstro!

— Mãe, eu juro, eu apenas questionei o motivo do nosso término — explicou Anthony — aquela menina arrogante me ignorou. Eu peguei sim no braço dela quando tentou sair e me deixar falando sozinho, mas não tentei estuprá-la como estão dizendo!

— Eu acredito em você, Anthony, mas as pessoas são maldosas, você sabe disso! A própria Jodie está espalhando esta informação.

— Essa desgraçada me paga! — Anthony levantou da cama tomado pelo ódio.

— Senta aí e se acalma! — gritou Cassandra — não torne as coisas mais difíceis do que já estão!

Cassie empurrou o filho para sentar de volta na cama, sabia que o rapaz estava fervendo de raiva por dentro, mas deveria repreender qualquer bobagem que ele pensasse em fazer, afinal, sua situação já estava bem complicada. Os ânimos entre Anthony Reed e a mãe se acalmaram, mas o rapaz estava remoendo com extrema fúria aquilo tudo que acabara de saber. Cassandra, por sua vez, foi fazer alguns trabalhos domésticos e ao colocar as roupas de molho para lavar, notou o casaco de Anthony com algumas manchas de sangue. A viúva sentiu seu estômago esfriar, um misto de sentimentos confusos se condensou e formou uma mancha negra de pensamentos obscuros que assolavam seus pensamentos. Cassie estava a ponto de se levantar e ir falar com Anthony, mas pensou melhor e, enquanto chorava baixinho para não alertar o filho, ela decidiu ficar em silêncio e monitorar cada passo que o garoto desse, até descobrir o motivo daquele sangue em suas roupas, rezando que a resposta fosse suficiente para abrandar todo o peso que agora estava em seu coração, mas também sabendo que algo muito pior poderia estar acontecendo.

As buscas do dia feitas pelo chefe Lewis não surtiram efeito, Natalie e Valerie continuavam desaparecidas. Bessie, a irmã mais nova de Valerie, estava inconformada com o desaparecimento da irmã. A menina de dezoito anos de idade, em seu imaturo pensamento, decidiu ir sozinha procurar a irmã na floresta. Obviamente aquela era uma ideia tola, mas Bessie estava decidida a encontrar a irmã. Assim, partiu para a floresta naquela tarde, no caminho conversou com o velho Joseph, que estava no pátio de casa juntando algumas folhas secas do chão.

— Olá, Joseph — disse a menina, parada do lado de fora da cerca.

— Bessie? — disse o velho, olhando para a menina com um ar de

dúvida — olá, garota! O que faz por aqui?

— Estou fazendo uma pesquisa para os últimos trabalhos da escola — disse a menina, sem querer dizer a verdade sobre o fato de estar procurando a irmã.

Joseph retirou a boina da cabeça e se aproximou da cerca, como de costume. Notou que a menina parecia nervosa, podia sentir sua respiração ofegante e a posição rígida do seu corpo frágil.

— Eu sinto muito por sua irmã — disse Joseph — nenhuma notícia dela?

— Ainda não — disse Bessie e não conteve as lágrimas.

— Ora, Bessie. Eu sinto muito mesmo! — disse o velho, abrindo o portão do pátio e saindo para fora — vamos, entre um pouco para tomar um chá e acalmar esses nervos.

Bessie decidiu entrar, estava muito nervosa. Joseph guiou a menina até o interior da casa que estava quentinha, aquecida pela lareira.

— Sente-se aí. A água já está quente na chaleira sobre o fogão, eu vou preparar um chá para você se acalmar.

Bessie sentou no sofá, agora chorava um pouco menos, mas seus soluços ainda preocupavam o velho Joseph que logo voltou com a xícara de chá quente e alcançou para a moça.

— Você está muito carregada com essa história da sua irmã, eu te entendo, não teria como ser diferente — disse Joseph, sentando no sofá de frente para Bessie.

— A gente brigava às vezes, mas não era por mal, ela está fazendo muita falta — disse a menina, fazendo uma pequena pausa para dar um gole no chá — meus pais estão sofrendo — continuou — a gente fica imaginando o que está acontecendo com ela, se está bem, com frio, com fome ou ... se está morta.

A voz embargada da menina estava deixando o velho com um aperto no peito, era triste ver a maneira como ela falava da irmã.

— Você tem mesmo uma pesquisa da escola para fazer? — perguntou o velho, desconfiando que a menina estava mentindo.

— Não — respondeu ela — eu vou até a floresta procurar a minha irmã.

— Não pode fazer isso, Bessie! Você corre perigo entrando na floresta sozinha. Deixe esse trabalho para o chefe Lewis e seus homens!

— Não, Joseph! Eu vou encontrar a minha irmã!

— Bessie, a minha perna não permite que eu saia correndo atrás de você, então, o melhor que posso fazer é te aconselhar.

— Eu entendo sua preocupação, Joseph, mas eu vou atrás da Valerie!

— Eu estou avisando que é perigoso, deve haver algum maluco à solta por aí! Mas se não posso impedir você de ir, então desejo boa sorte em sua busca.

Joseph aconselhou a menina como pôde, de certa forma, conseguia sentir toda a angústia que Bessie sentia e sabia que sua busca pela irmã era um meio de aliviar aquele sentimento.

*

O final da tarde mais uma vez começava a dar espaço para a chegada das sombras. Cassandra saiu para comprar alguns mantimentos para o lar, tinha no bolso as chaves de casa, que havia trancado para que Anthony não saísse. Quando a viúva se aproximou da residência, viu o portão aberto e Harvey, o pai de Jodie, batendo com violência em sua porta.

— Abra essa porta! — gritava Harvey do lado de fora.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou Cassie, assustada.

— Ah você está aí! O desgraçado do seu filho levou a minha Jodie para a floresta!

— Do que você está falando?

— Eu fui na escola buscar a minha filha e uma colega dela disse que antes do final da aula, o miserável do Anthony convidou ela para uma conversa — relatava Harvey — ela se negou a ir muito além das proximidades da escola, então a menina o viu puxar a Jodie pelo braço e entrar com ela para dentro da floresta!

— Não pode ser, o meu filho está em casa!

— Você está brincando comigo? — Harvey estava furioso — Está me chamando de mentiroso?

— Meu filho está em casa! — gritou Cassandra e enfiou a chave na fechadura, abriu a porta, largou as compras no sofá e foi até o quarto de Anthony, onde encontrou a janela aberta com as cortinas esvoaçando.

— Onde está o delinquente? — perguntou Harvey, logo atrás de Cassie.

Cassandra não sabia o que dizer, o quarto do filho estava vazio, certamente ele havia saído pela janela e agora deveria estar cometendo o maior erro de sua vida. Harvey bufou de raiva, deu as costas à viúva e saiu a

passos largos pela casa.

— Eu vou atrás dele e quando encontrar aquele doente, vou esmagar a cabeça dele com minhas próprias mãos!

Dizendo isso o homem saiu pela porta afora, Cassandra sabia que deveria encontrar o filho antes de Harvey, pois assim poderia evitar uma tragédia ainda maior. A viúva foi até o faqueiro e apanhou a maior faca que viu, sabia que poderia precisar, no caso de alguma situação extrema. Acomodou a lâmina na cintura e foi vestir um casaco mais quente, pois não sabia quanto tempo ficaria na floresta. Ela pretendia ir até a casa de Joseph antes, pedir algum auxílio de onde pudesse começar a procurar, já que o velho conhecia bem os arredores da floresta.

Frios sentimentos eram soprados pela brisa melancólica que circundava as ruas de calçamento da pacata cidadezinha interiorana de Black Spring, pois naquela noite, verdadeiras tragédias estavam prestes a acontecer. Próximo das margens da floresta, com a silhueta de sua arquitetura banhada em prata lunar, uma casa simples e muito rústica fumegava sua chaminé em nuvens de fumaça esbranquiçada que subia ao soturno céu respingado de estrelas cintilantes. No interior da casa, aquecida pela lareira acesa na sala, as labaredas dançantes do fogo lampejavam, aclarando a cabeça empalhada de um cervo que jazia na parede e fazendo reluzir o sangue espalhado pelo rosto de Bessie, sentada no sofá, em seu profundo horror pela brutalidade que acabara de lhe acontecer. O velho Joseph está aquecendo um pouco d’água à beira do fogão a lenha, enquanto macera alecrim e camomila para fazer um chá quente.

— Nunca se viu isso nesta cidade — disse Joseph — eu bem avisei para você não sair em busca da sua irmã, poderia estar morta agora!

Aquela noite estava carregada com uma atmosfera lúgubre. O murmúrio do vento por entre as árvores parecia solfejar notas distorcidas em gemidos profundos de angústia, trazendo das profundezas obscuras gritos mudos de socorro que não podiam ser ouvidos neste mundo.

— Eu vou levar você para a outra sala, vamos remover todo este sangue.

Joseph apoiou o braço de Bessie sobre seu ombro e ajudou a menina a se levantar do sofá. Com certo esforço, levou Bessie até uma outra sala que havia na casa. Neste momento, batidas ensurdecedoras na porta chamaram a atenção de Joseph.

— Espere aqui, Bessie. Eu vou ver quem está batendo tão desesperadamente em minha porta e já volto para terminarmos.

O velho deixou a menina sentada em uma das quatro poltronas que havia na sala. Caminhou com seu passo defeituoso até a porta de entrada, girou a chave na fechadura e ao abrir, quase foi atropelado por Jodie, que entrou às pressas na casa de Joseph.

— Por favor, Joseph, me ajude! — gritava a menina aos prantos.

— O que foi que aconteceu? — perguntou o velho, fechando a porta atrás de si.

— Anthony tentou me estrangular na floresta — a menina quase não conseguia falar com as palavras alternando entre soluços — eu bati com uma pedra na cabeça dele, mas não adiantou, ele está atrás de mim!

— Acalme-se, Jodie.

— É ele, Joseph! Anthony matou Natalie e Valerie!

Joseph foi até o bastão que jazia pendurado ao lado da lareira, apanhou o utensílio e guiou Jodie até a sala onde estava Bessie. Anthony estava do lado de fora, parado na rua, ainda um pouco zonzo pela pedrada que havia levado na cabeça. O rapaz estava cego pelo ódio, adentrou o pátio de Joseph, sabendo que a menina havia entrado na casa. Anthony fez a volta na residência, tentando olhar pelas janelas e localizar Jodie para poder silenciá-la antes que saísse dali.

O rapaz chegou na parte dos fundos da casa, avistou uma luminosidade amarelada passar através dos vidros da janela e lentamente se aproximou para espiar. Anthony avistou quatro mulheres sentadas nas quatro poltronas postas umas de frente para as outras, bem no centro da sala. Uma das mulheres era Jodie, com um terrível corte na cabeça que vertia sangue. A segunda menina era Bessie, também coberta de sangue na cabeça e nos peitos, estava recostada da poltrona com o queixo caído sobre o peito. A terceira menina era Valerie, estava muito pálida, seus olhos vidrados expressavam extremo terror, a boca caída lhe conferia um aspecto pesado, como se sofresse muito e tivesse morrido ali sentada, sentindo aquela profunda tristeza. A quarta menina era Natalie, o aspecto de sua pele causava repulsa, tons arroxados se mesclavam com as áreas de tons anêmicos que se espalhavam. Apesar do vidro empoeirado, Anthony pôde ver que os olhos da menina estavam com as pálpebras mal costuradas nas sobrancelhas, os fiapos de linha preta se misturavam aos cílios e seu olhar opaco permanecia encarando a janela. O garoto se assustou com aquele olhar morto, recuou e ficou com as costas

contra a parede, ouvindo a voz de Joseph lá dentro, na sala.

— Agora que vocês estão todas aqui, podem se apresentar para Madeleine — disse Joseph — eu não esperava por vocês, Bessie e Jodie, esperava por Cassandra, mas já que vocês estão aqui, certamente irão colaborar para que minha obra seja majestosa!

O velho havia notado algo se mover do lado de fora. Anthony voltou a contornar a casa mais uma vez, foi até a porta de entrada - que Joseph havia deixado destrancada - e lentamente a abriu, deixando-a escancarada. Caminhou calmamente até a sala de onde vinha a voz de Joseph.

— Bessie e Jodie, vocês não precisariam estar sangrando se não fossem tão resistentes! É ruim quando meninas mal criadas se debatem!

Munido de toda sua coragem, Anthony, imaginando que seria fácil imobilizar o velho, irrompeu pela porta com toda sua ira, pronto para agarrar Joseph pelo pescoço. O que ele não contava, era que Joseph sabia que mais alguém estava ali e se manteve atrás da porta, até o momento de saltar sobre Anthony e acertar em cheio sua têmpora direita com o bastão. O garoto cambaleou e se estatelou ao chão, com o rosto no assoalho frio da sala, contemplou, ainda que desnorteado pela pancada, uma das cenas mais horrendas que já havia visto.

Com seus olhos parados na parede à sua frente e a visão turva, focada para além das poltronas, Anthony viu uma criatura fixada na parede. Talvez aquilo fosse um ser humano, mas no estado em que estava, não se podia dizer ao certo. Tratava-se de uma mulher, isso era evidente. Aquele ser trajava um vestido preto, tinha os cabelos brancos e desgrenhados que caíam um pouco abaixo dos ombros. A pele seca retratando os ossos tinha uma coloração cinzenta, o corpo era esquelético e no lugar dos olhos havia dois buracos negros. O rosto murcho e os lábios finos estavam coloridos por um batom vermelho, os dentes estavam expostos e a pele repuxada criava a impressão de um sorriso mórbido no rosto daquele ser que um dia foi uma mulher.

— Você está maravilhado com Madeleine, não é mesmo? — disse Joseph — sei que ela é perfeita e continua bela como sempre.

Anthony corria seus olhos pela estrutura do corpo cadavérico, caprichosamente anexado à parede por pinos em pontos estratégicos que deixavam o cadáver bem colocado em uma postura aparentemente confortável. O garoto não conseguia se mover, seu corpo vibrava com alguns espasmos, mas a pancada na cabeça havia causado danos.

— Bem, Anthony, já que você se juntou a nós, vou contar alguns

segredos para você e ensinar como coletar o principal ingrediente para preparar o “Fogo de Folhas” que os habitantes dessa cidade tanto adoram.

Joseph pegou um frasco transparente e um longo e fino instrumento de metal oco, como um cano. Um dos lados tinha uma ponta e o outro era fechado com pressão por uma pequena tampa de madeira.

— Você precisa espetar a artéria principal do pescoço — disse o velho, enquanto introduzia o instrumento metálico no pescoço de Jodie — depois você retira essa tampa aqui embaixo e o ar vai sair e puxar todo o sangue necessário!

O velho começou a rir como um lunático, enquanto o sangue de Jodie era drenado para dentro do frasco, onde aos poucos era preenchido por aquele líquido espesso e bordô. Anthony emitia grunhidos deitado ao chão, enquanto de seus olhos brotavam lágrimas amargas, assistindo aquela cena de horror.

— Foi assim que drenei o sangue do seu pai na floresta. Pobre homem, caiu na armadilha de urso que eu armei e ainda pensou que eu iria ajudar quando me viu chegando.

Anthony gritava por dentro, seus olhos com as veias vermelhas tremiam de raiva diante das revelações pavorosas que o velho Joseph fazia.

— O sangue humano é bom para criar o Fogo de Folhas. Seu pai me forneceu a medida certa de sangue para criar meus primeiros frascos do chá. O Fogo de Folhas parece curar as doenças, como você sabe, mas na verdade este chá dá início a uma morte lenta que leva tempo para acontecer.

Enquanto Joseph relatava aqueles absurdos, Cassandra caminhava para lá. A viúva seguia pela rua escura, temerosa pelo que poderia acontecer entre Anthony e Jodie. Na verdade, Cassie estava com um péssimo pressentimento lhe acompanhando.

— Foram as bruxas que habitam as profundezas dessa floresta — a face doentia de Joseph era horripilante — elas que ensinaram a preparar este veneno silencioso. Você não sabe, mas há muito tempo, aqui mesmo nesta cidade, um conde mandou matar todas as mulheres que eram acusadas de bruxaria. Algumas conseguiram fugir para a floresta e, de geração em geração, foram aperfeiçoando o Kiphathar, que vocês chamam de Fogo de Folhas. As bruxas não só conseguiram aperfeiçoar, como ramificaram em duas versões para diferentes fins.

Anthony estava começando a conseguir mexer os dedos, a sensação de

dormência na cabeça e no corpo aos poucos estava passando.

— O Kiphathar venenoso mata lentamente, dependendo da dose que o indivíduo consome, pode levar de dois a seis anos para matar, mas imagine, quando toda essa cidade começar a morrer lenta e dolorosamente, com hemorragias internas terríveis! — Joseph seguia explicando — já o Kiphathar feito com mandrágora, é como um elixir que mantém os órgãos funcionando parcialmente após a morte. Veja, foi este que usei nas meninas. Ao invés de beber, você injeta! Tem que ser preparado com o sangue da própria pessoa, aí você pode ter companhia por mais ou menos uns vinte dias, depois desse tempo o efeito diminui e o corpo começa a se decompor de uma só vez.

Mesmo impossibilitado de reagir e apesar de estar muito aéreo pela pancada que levou na cabeça, Anthony ouvia tudo que Joseph contava e às vezes até se esforçava para ter certeza de que não estava em um pesadelo medonho.

— Onde habitam as sombras... é lá que estão as mulheres que criaram esta maravilha! Você está se perguntando se isso é algum tipo de ciência? Talvez! Mas tem muita magia. Magia negra! Natalie já está comigo há cinco dias. Eu posso levar elas para todo o lugar, elas me fazem companhia. Valerie estava sentada à mesa ontem, parecia esperar pelo café.

Cassandra já estava quase chegando próximo a casa de Joseph quando a viatura de polícia se aproximou e de dentro dela o chefe Lewis iniciou a conversa.

— Ouvi dizer que você teve uma discussão com Harvey, o que aconteceu? — perguntou Lewis.

— Anthony está na floresta com Jodie, talvez ela esteja em perigo! — disse Cassandra, fechando o casaco com as mãos, na intenção de evitar que Lewis identificasse a faca que ela carregava.

— Aonde você está indo?

— Estou a caminho da casa de Joseph.

— Sabe me dizer em que ponto da floresta eles foram vistos?

— Pelo que Harvey disse, acredito que foi próximo à escola.

— Eu vou dar uma olhada por lá — disse Lewis — espere na casa do velho Joseph.

— Tudo bem.

Lewis deu a volta com o carro de polícia e seguiu para a escola que ficava bem próximo dali. Cassandra seguiu seu caminho para a casa de Joseph, que continuava sua narrativa doentia na sala.

— Um homem nunca fica sozinho quando pode ter esse tipo de companhia silenciosa. O Kiphathar de mandrágora mantém apenas o básico do corpo funcionando, mas o mais importante é que pelo menos sessenta por cento da consciência permanece conectada ao cérebro. É como se a pessoa estivesse entre os dois mundos, não pode viver, mas também não consegue morrer, fica presa no próprio corpo, vendo e ouvindo tudo à sua volta, como uma estátua viva.

— Você é doente! — disse Anthony finalmente, com a língua um pouco enrolada.

— Eu? Doente é esta cidade! — respondeu Joseph — através de mim as bruxas poderão se vingar. O lenhador que morava nesta casa, tudo começou com ele e agora está em minhas mãos dar sequência neste legado.

Ao se aproximar da propriedade, Cassandra já notou a porta da residência aberta e sentiu que algo estava errado, então, adentrou a casa sorrateiramente e, aproximando-se da sala onde todos estavam, viu pela fresta da porta entreaberta a imagem de Anthony deitado ao chão. Cassie pegou no cabo da faca e se preparou para o pior, mas antes ouviu a conversa que reconhecia na voz de Joseph.

— Eu não pude usar o Kiphathar de mandrágora em Madeleine, ela já havia morrido há tempos quando descobri. O que pude fazer por ela foi desenterrar seu corpo daquele túmulo e usar de formol e outros produtos para manter o corpo o máximo que pude. Sabe, Anthony, o tempo é implacável! O máximo que consegui manter foi esta múmia que você vê. Mas agora, irei usar várias partes das meninas que estão aqui para remontar a minha amada esposa. Costurando pedaços de pele de cada uma eu vou conseguir reconstruir Madeleine. Eu só preciso do rosto de sua mãe, elas são muito parecidas. Depois de ter o rosto de Cassandra eu poderei finalizar minha obra!

— Você não vai tocar na minha mãe!

— O que você disse? — perguntou Joseph ironicamente — O que você pensa que irá fazer? Eu vou esmagar sua cabeça daqui a pouco! — o velho começou a rir de maneira macabra — sabe o que é mais engraçado? As meninas estão mais aterrorizadas do que você, pois estão escutando tudo que eu falo e não podem fazer nada!

Cassandra segura firme a faca nas mãos e adentra a sala, mergulhando a lâmina no peito de Joseph. Ele se curvou e caiu ao chão, puxando a viúva para cima de seu corpo. Cassie olha nos olhos do velho, que agora segura

firme em seu pescoço na intenção de estrangulá-la. Joseph, sentindo o corpo da mulher pressionar o cabo da faca que esfacelava seus órgãos internos, estica os braços a fim de afastar o corpo de Cassie do seu. Com os olhos arregalados e os dentes cerrados, Joseph pressionava o pescoço dela com toda a raiva que sentia. Anthony movia os dedos e gritava, mas ainda não conseguia levantar-se do chão para salvar sua mãe que aos poucos parecia perder a vida.

O som de passos é ouvido na casa, quando pela porta entra o chefe Lewis, que vê a cena da viúva sendo estrangulada e prontamente atira na cabeça de Joseph, espalhando fragmentos do seu crânio pelo velho assoalho da sala. Cassandra rolou para o lado do corpo do velho, aos prantos, enquanto Lewis olhava em volta daquela sala, incomodado com o verdadeiro cenário de horror. O chefe pediu ao policial que o acompanhava para chamar reforços e uma ambulância urgentemente. Logo os reforços e a ambulância chegaram, Anthony foi carregado para receber os primeiros socorros, assim como Cassandra, que estava em estado de choque.

Em uma análise minuciosa das vítimas encontradas na casa, foi apurado que Joseph estava mantendo os corpos de Natalie e Valerie a base de formol e havia costurado os olhos de ambas para que permanecessem abertos. Jodie e Bessie foram mortas naquela mesma noite com as fortes pancadas que levaram. O corpo exposto na parede era mesmo de Madeleine Williams, esposa de Joseph.

Sobre os relatos de Cassandra, as autoridades negam qualquer absurdo sobre os chás que o velho produzia. Em uma análise feita em laboratório, tudo que encontraram foi uma mescla de ervas comuns misturadas ao sangue das vítimas. Os investigadores comprovaram que tudo não passava de uma criação inventada pelo desequilíbrio mental de Joseph e que todas as estórias que ele criou não passavam de delírios. Apesar disso, há quem diga que algo sobrenatural acontecia naquele lugar.

Anthony se recupera dos ferimentos e sofre com pequenas sequelas que afetaram seu sistema nervoso. Ele partiu com Cassandra ainda naquele mesmo ano, era verão de 1989 e o calor do sol aquecia as planícies de Cliffner, local da nova morada onde mãe e filho tentam esquecer do terrível pesadelo vivido em Black Spring – o lugar Onde Habitam as Sombras.

*

Alguns anos se passaram desde o macabro episódio em Black Spring.

Cassandra vinha tendo fortes dores no estômago, acompanhadas de terríveis enxaquecas. Em uma nublada manhã de maio, a viúva saiu para fazer alguns exames e descobrir as causas daqueles desconfortos incômodos. Anthony estava em casa, deitado no sofá enquanto o tempo passava. O noticiário na TV chamou sua atenção, pois o âncora do telejornal falava da antiga cidade onde Anthony vivia com a mãe.

"Um curioso e preocupante fato tem intrigado os moradores de uma cidadezinha ao sul do condado de Devon. Alguns moradores de Black Spring tem relatado sentir dores agudas no estômago e na cabeça. A procura da população pelo único hospital da cidade para realizar exames, revelou o assustador número de mais de cem casos diagnosticados como câncer no último mês. O prefeito local vem pedindo ajuda das cidades vizinhas para atender os pacientes que chegam todos os dias. As autoridades trabalham com a hipótese de algum surto de epidemia e temem que o aumento dos casos nos próximos dias possa levar a população a um nível de histeria coletiva."

Anthony permaneceu estático no sofá. Sua mente viajou de volta para aquela noite de horrores no outono de 1989. Tudo o que as autoridades haviam refutado naquela época, se mostrava agora como o esboço de uma verdade obscura que reavivava dúvidas e dores sobre os relatos do velho Joseph.